



**RELATÓRIO DO SEMINÁRIO:
MULHERES VIVAS – UM OLHAR CRÍTICO A RESPEITO DO FEMINICÍDIO
DATA: 08/03/19**

Realizadora: Comissão de Direitos Humanos e Defesa do Consumidor

Local de realização: Plenário Amyntas de Barros

9h24min - Abertura

Composição da Mesa:

- vereadora Nely Aquino;
- vereadora Cida Falabella;
- a representante da Associação Comercial e Empresarial de Minas – ACMinas -, Alessandra Alkmim Costa;
- a psicóloga do Projeto Rumo Certo, Eliana Aguiar;
- a presidente do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro - PRTB – em Minas Gerais, Rita Bel Bianco;
- a delegada da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher, delegada Cristiane Moreira;
- a diretora da Diretoria de Políticas para as Mulheres da subsecretaria de Direito e Cidadania da Prefeitura de Belo Horizonte, Viviane Coelho Moreira;
- a publicitária, certificada em Psicologia Positiva, formada em LIFE/SELF Coaching e em Programação Neurolinguística, Daniela Schanen;
- a assessora da Superintendência de Políticas Públicas para Mulheres de Contagem e vice-presidente da Ação da Mulher Trabalhista – AMT – Estadual, Dalila Reis;
- a coordenadora de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Minas Gerais – OAB/MG -, Isabel Araújo Rodrigues;
- a psicóloga, com passagens pela Prefeitura de BH e pela Secretaria Nacional de Juventude, Larissa Borges;
- a representante do Movimento Olga Benário e historiadora Alexsandra Pimentel França;
- a secretária municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania, Maíra



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Pinto Colares;

9h30min - Execução do Hino Nacional e de 2 músicas pela Orquestra Escola Criarte.

9h34min – Pronunciamentos - membros da mesa:

A PRESIDENTE disse ter expectativa de haver um bom debate no dia de hoje. Desejou às mulheres fortalecimento diário, para puderem enfrentar os problemas que as aflige. Elogiou o trabalho do maestro José Alarico de levar a arte até as crianças da periferia, por meio do projeto Orquestra Escola Criarte e parabenizou os meninos que participam da orquestra pela performance.

A historiadora e representante do Movimento Olga Benário ALEXSANDRA PIMENTEL FRANÇA disse que o Dia Internacional da Mulher é uma data que merece comemorações, ao mesmo tempo que deve servir para alertar as mulheres sobre o feminicídio. Disse que a morte de mulheres está presente na realidade brasileira, embora elas também sofram com a violência física e verbal. Citou fato ocorrido na Rússia que, em seu entendimento, revela a fragilidade da condição feminina, quando uma candidata ao cargo de presidenta foi continuamente impedida de pronunciar-se em debate do qual participavam 4 homens. Ressaltou que esse desrespeito ao gênero feminino ocorre, também, no Brasil. Reportou-se ao aplicativo, *Woman Interrupted*, cuja função é medir as vezes em que a voz de uma mulher é interrompida num discurso com a participação de homens. Conclamou as mulheres a não se deixarem calar e reagirem contra qualquer tipo de desigualdade de gênero. Disse que a realidade brasileira é preocupante nesse quesito da desigualdade, que, conforme o ranking do Fórum Econômico Mundial – FEM –, insere o Brasil em 79º lugar. Declarou ser possível combater a violência contra as mulheres. Pediu licença para se retirar do evento, justificando que necessitava de estar em outro compromisso.

A psicóloga do Projeto Rumo Certo, ELIANA AGUIAR, revelou que atende mulheres no consultório, que se encontram em situação de extrema fragilidade, em decorrência da precariedade financeira e de agressões cometidas até mesmo por seus filhos. Contou que o atendimento visa empoderá-las, ressaltando suas qualidades de mulher: a condição de mãe, de estarem trabalhando fora de casa e de ser estudante. Disse que esse atendimento as



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

mulheres é bastante significativo para os voluntários do projeto Rumo Certo, embora ouvir algumas dessas histórias as deixe comovidas. Refletindo sobre esses casos de mulheres violentadas, inferiu que parte delas acabam se tornando mulheres mais fortes no dia a dia. Conclamou às pessoas a enaltecerem a condição da mulher nesta data comemorativa, pois ela é o alicerce da família e deve merecer nossa admiração.

A PRESIDENTE ressaltou que Eliana Aguiar realiza atendimento, com o apoio de voluntárias, a mulheres da periferia do Município em situação de vulnerabilidade decorrente de violência doméstica.

A delegada da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher, CRISTIANE MOREIRA, contou que atua na investigação de crimes há mais de 13 anos e apenas há 3 anos em atendimento de mulheres vítimas da violência doméstica. Afirmou que as agressões contra a mulher ocorrem indistintamente em razão da classe social a que está inserida. Defendeu que a mulher agredida seja acolhida não apenas na Delegacia da Mulher, mas também em outras entidades do poder público para superar seu sofrimento. Afirmou que o número de casos de agressão contra a mulher não condizem com a realidade, já que parte delas evitam registrar o fato na delegacia. Considerou importante que o poder público investigue as causas dessa violência contra a mulher, para combater, efetivamente, essa violência. Atribuiu à cultura do machismo fonte dessa violência contra a mulher, que a oprime e desvaloriza. Disse acreditar que as mulheres irão desfrutar de um futuro melhor, livres dessa opressão masculina. Colocou-se à disposição das mulheres que se sintam vítimas de agressões, indicando o endereço da Delegacia de Atendimento à Mulher, localizada na Avenida Barbacena, 288, Bairro Barro Preto, Belo Horizonte, para acessarem em caso de eventual necessidade de apoio da polícia.

A presidente do PRTB em Minas Gerais, RITA BEL BIANCO, parabenizou as vereadores da CMBH pela iniciativa de realizarem este seminário. Disse compreender bem as necessidades das mulheres, pois quando trabalhou no programa federal “Minhas Casa, Minha Vida” pôde compreender suas reivindicações. Afirmou que o enfrentamento da violência contra a mulher não se resolve apenas com invocação do poder de polícia, devendo haver a disponibilização de outros atendimentos à vítima, citando o apoio psicológico. Ressaltou que a violência verbal possui a capacidade de gerar sofrimento significativo à vítima, o que ficou comprovado por ela, quando passou em sua vida por essa experiência.



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Disse realizar terapia há mais 5 anos para remover esse trauma da violência não física que sofrera com seu parceiro. Incentivou as mulheres a amarem a Deus e, depois, a si mesmo, destacando o que cada um possui de atributos físico e intelectual. Motivou as mulheres a denunciarem os agressores e inadmitirem qualquer tipo de violência contra elas, até porque, afirmou a oradora, o próprio vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, dissera que “uma mulher morta não fala”. Avaliou positivamente a inserção da mulher em várias ocupações do mercado, seja como parlamentar ou presidente de entidades, pois revela que ela é uma pessoa guerreira e destemida. Conclamou as mulheres a se unirem e elaborarem projetos de lei com conteúdos que lhes favoreçam e possam reequilibrar as diferenças existentes no tratamento dispensado à mulher. Defendeu o uso da Educação como instrumento eficaz para modificar essa compreensão errônea feita por alguns homens da figura feminina. Sugeriu que esse trabalho junto às crianças ocorra nas idades de 7 a 8 anos. Disse haver empenho de ativistas para aprovar projeto de lei que prevê a presença de um psicólogo em cada escola e possa ser abordada a questão da violência entre os gêneros sexuais. Discordou que a reversão dessa situação de violência contra a mulher possa ser atacada pela área da Saúde. Contou que um filho submetido à violência doméstica, com certeza, não será levado ao médico por seu pai, o que justifica a presença de um psicólogo nas escolas. Disse que o uso apenas da Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/06, não é suficiente para confortar a mulher vítima de violência, sendo necessário a criação de outras ações pelo poder público para amparar essa mulher. Disse ser triste assistir a casos de violência contra a mulher todos os dias nas redes sociais.

A secretária municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania, MAÍRA PINTO COLARES, cumprimentou as vereadoras da CMBH por promover essa discussão sobre o feminicídio, embora para alguns o machismo esteja distante de nossa realidade, o que não é verdade. Afirmou haver casos cotidianos dessa violência física e psicológica sendo cometida no Município, além de outros constrangimentos praticados contra mulher, citando o fato de terem de ouvir declarações pejorativas como a de que exerce determinado cargo de poder porque houve contrapartida sexual ou que o uso de roupa curta na rua não deveria acontecer. Disse que todo o tipo de violência contra a mulher é injusto e deve ser repreendido. Considerou a mulher, por natureza, uma pessoa dinâmica: cuida do lar, dos filhos e do marido, embora sinta as mesmas tristezas quando é ofendida. Defendeu a



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

discussão dessas questões de violência contra a mulher com os homens, principalmente com aqueles que insistem em dizer praticam comportamentos machistas. Reconheceu na necessidade de a União, o Estado de Minas Gerais e Belo Horizonte criarem políticas públicas em favor da mulher. Constatou haver certa redução em investimentos do poder público destinadas a essas políticas, conforme a diminuição de repasses de recursos financeiros federais. Disse sentir-se orgulhosa de ter a vereadora Nely Aquino com representante do gênero feminino na CMBH, especialmente quando lembra do discurso de posse que ela proferiu em 1º/1/19 e asseverou ter nascido na favela e não seria “massa de manobra” na Casa pela condição de ser mulher. Desejou que as reflexões deste evento possam ser compartilhadas aos lares de cada um dos belo-horizontinos.

A diretora de Políticas para as Mulheres da Subsecretaria de Direito e Cidadania da Prefeitura de Belo Horizonte, VIVIANE COELHO MOREIRA, disse que o 8 de março é uma data significativa, pois tem a oportunidade de trazer às mulheres refletirem e traçaram o futuro. Considerou importante que o poder público implemente políticas para evitar mortes de mulheres, que a imprensa registra em cenas violentas de agressão. Disse ser intrigante o fato de a Lei Maria da Penha ser do conhecimento das pessoas, quando se constata que cerca de 71% dos agressores são companheiros e ex-companheiros dessas mulheres. Informou que o Município oferece atendimento às mulheres vítimas de agressões no Centro de Apoio à Mulher Bem-vinda, tema, que segundo a oradora, fez parte do discurso do prefeito Alexandre Kalil, durante sua plataforma de campanha para o cargo de prefeito. Registrou que os dados estatísticos do centro de apoio revelam que a violência contra a mulher incide indistintamente a todas as classes sociais. Ponderou que, no entanto, as mulheres negras e moradoras da periferia de Belo Horizonte necessitam de uma atenção específica do poder público. Informou que o Município planeja elaborar ações de combate à violência contra a mulher que envolva a participação de outras entidades, citando o Ministério Público do Estado de Minas Gerais – MP-MG -, e com a adoção de políticas públicas mais amplas, como a geração de renda. Defendeu a participação dos homens nas discussões de combate à violência contra a mulher. Disse que o governo municipal está sensibilizado com essa questão da violência contra a mulher, sendo o tema tratado no Comitê de Equidade de Gênero, que tomou conhecimento de que Belo Horizonte registra cerca de 13% dos casos de violência contra as mulheres do Estado.



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

A coordenadora de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Minas Gerais – OAB/MG -, ISABEL ARAÚJO RODRIGUES; destacou que o painel com fotos de mulheres e fatos na entrada da portaria da CMBH revela uma realidade cruel. Disse que deixam as mulheres orgulhosas saberem que 2 mulheres terão suas fotos exibidas na galeria dos ex-presidentes da CMBH: as vereadores Luzia Ferreira e Nely Aquino. Disse que a presença predominantemente masculina de ex-presidentes e vereadores na CMBH contribuiu para uma produção legislativa acanhada em favor do gênero feminino. Disse que a Lei Maria Penha abordou não apenas a questão do agressor, mas também de ações que podem ser implementadas em favor da vítima. Defendeu a ampliação de ações pelo poder pública para acolher as mulheres vítimas de agressões domésticas. Lembrou que as repercussões da morte de uma mãe são devastadoras para a família, que sofrem com questões como a da criação dos filhos, e para a sociedade, que sofrerão com os efeitos financeiros decorrente da morte da mulher. Defendeu a presença de mais mulheres nas câmaras, nas assembleias e no congresso nacional. Disse que a mulher precisa ser vista a partir de outras perspectivas, como a de uma pessoa batalhadora, corajosa e provedora de sua família, eliminando as perspectiva que enaltecem os atributos físicos e da aparência. Disse ser lamentável que o País conviva ainda com uma cultura machista. Disse que a OAB-MG está à disposição para contribuir nesse processo de ressignificação da mulher.

A vereadora CIDA FALABELLA disse que o Dia 8 de Março é uma data relevante para a mulher. Disse merecerem reverência algumas mulheres pelo passado de luta, citando a ex-vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e a ex-vereadora da CMBH Helena Greco. Considerou a arte um instrumento essencial para a mudança de perspectivas do ser humano, pois entende que ela aguça e refina os sentidos, podendo, assim, contribuir para o combate da violência contra a mulher. Cumprimentou a todas mulheres da mesa pela participação dessa luta em favor de melhores condições de vida para as mulheres, sejam elas indígenas, negras, mães e também aquelas que não queiram ser mães, pois a maternidade não pode ser uma obrigação para a condição feminina. Defendeu ações para desconstruir o machismo, considerando-o tóxico. Convocou os homens a ingressarem no debate. Manifestou alegria por ter a vereadora Nely Aquino na presidência da CMBH. Disse que as vereadoras da CMBH, embora professam ideologias diferentes, isso não tem impedido que as 4 busquem a



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

efetivação de políticas públicas para valorizar as mulheres e diminuir a violência contra elas. Disse haver empenho das vereadoras para criar na CMBH uma comissão permanente de mulheres e acredita que isso acontecerá em breve. Anotou ser pequena a representatividade feminina da CMBH, chegando a 10% dos vereadores, mas isso não tem sido intimidativo para elas, conforme ficou registrado no discurso de posse da presidente Nely Aquino em defesa das mulheres. Disse que a visão da mulher reflete positivamente na construção de uma sociedade diferente. Afirmou que hoje o feminicídio ocupa o destaque da mídia nacional, trazendo, por vezes, a mulher como a culpada pelo crime. Entende que essa violência atinge com maior gravidade as mulheres negras e da periferia. Atribuiu como motivação do feminicídio a desigualdade salarial, a educação sexista rosa para as meninas e azul para os menino, a resistência das autoridades para tratar a questão de gênero nas escolas, a falta de habitação e de emprego. Propôs uma ação do poder público na educação para reverter a cultura machista e assim diminuir o número crescente de estupro contra as mulheres. Conclamou as mulheres a continuarem a lutar por seus direitos, até serem, efetivamente, livres.

A vereadora NELY AQUINO declarou sentir-se fortalecida hoje neste seminário, ao lado de mulheres que lutam por melhores condições de vida para as mulheres. Confessou haver momentos em que se sente incapaz para buscar solução para tantas reivindicações nesse tema, até pelo fato de serem só 4 mulheres vereadoras. Disse que não podem considerar como normal fatos em que uma mulher é morta por seu companheiro ou ex-companheiro, como divulgado hoje, pela manhã, o de um companheiro que esfaqueou a companheira após discutir sobre o volume da TV. Atribuiu essa violência contra a mulher à condição submissa a que sujeitou a mulher, forjada pela cultura machista, desde o passado remoto que admitia a venda da mulher. Disse ser preciso insurgir contra declarações como a de um pai que diz ao genro nas vésperas do casamento que, agora, incumbirá a ele cuidar da filha. Proclamou que as mulheres precisam reconhecer seu valor próprio e buscarem sua independência. Disse que os homens estão reagindo desproporcionalmente, com enorme violência a situações pequenas que acontecem no cotidiano ao lado de suas mulheres. Disse esperar que sua neta possa viver em mundo melhor e que não seja vítima de irritações simples ocorridas na convivência de uma família. Disse ser dramático assistirmos cenas de filhos chorando a perda da mãe ou de uma mãe chorando a perda de sua filha em razão da violência doméstica.



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Comunicou ter sugerido ao prefeito Alexandre Kalil a criação de um programa para conscientizar às crianças em idade escolar sobre as implicações negativas da cultura machista na relação entre homem e mulher. Defendeu a mudança do pensamento dos homens que pensam deturpadamente sobre certos comportamentos praticados pelas mulheres, como o de que não podem estar na rua depois de determinado horário ou de que a roupa que está usando é inapropriado. Contou que sua infância foi construída com preconceitos, que a fazia ter vergonha da condição de ser mulher, lembrando que esse termo carrega valor semântico negativo, vulgar. Hoje, afirmou, ter conseguido superar-se dessas etiquetas sociais e não a intimida mais declarar-se mulher. Disse que as mulheres precisam ter o direito à vida, após o término de um relacionamento e não podem sentirem-se ameaçadas pelos ex-cônjuges.

Assumiu a presidência a vereadora Cida Falabella.

A vereadora CIDA FALABELLA declarou estar orgulhosa de fazer parte desta legislatura, cuja presidência é exercida pela vereadora Nely Aquino. Declarou ao público que a melhor arma para combater a violência contra as mulheres é o conhecimento e a reflexão. Afirmou ser necessário que a mulher se rebele contra o modo como as crianças são educadas, desconstruindo o machismo. Assumiu a condução da mesa, como mediadora, a representante do Movimento Olga Benário e historiadora Alexsandra Pimentel França.

A representante do Movimento Olga Benário e historiadora ALEXSANDRA PIMENTEL FRANÇA, afirmou que o tema deste seminário é complexo e tem a natureza de estabelecer um diálogo permanente com as mulheres, o que é positivo. O tema reporta-se ao passado da formação do modo de produção capitalista, na medida em que as relações econômicas constituídas interferiram também na relação do homem com a mulher. Lembrou o marco histórico, ocorrido em 1909, nos Estados Unidos da América, que simboliza essa data comemorativa do Dia Internacional da Mulher, quando um grupo de mulheres se insurgiu contra as condições de trabalho desumanas a que estavam submetidas numa fábrica têxtil e, em retaliação, o proprietário ateou fogo na fábrica com as trabalhadoras dentro. Lembrou que esse fato não intimidou as mulheres, pois elas passaram a se organizar ainda mais e a reivindicar melhoria nas condições de trabalho. Asseverou que a compreensão dessa condição submissa da mulher está intrinsecamente relacionada com a situação macroeconômica da relação de produção do capitalismo. Disse que a violência contra a



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

mulher lamentavelmente perdura no atual século e até a meia-noite de hoje, provavelmente, ao menos 2 mulheres morrerão por feminicídio. Concordou com a declaração de algumas oradoras anteriores de ser a informação e a fala boas armas para as mulheres lutarem contra as agressões: de não ser assediada no transporte público e de ter o direito de terminar uma relação afetiva sem sofrer represálias do companheiro. A violência praticada pelo companheiro não pode persistir e a casa tem de ser um local onde a mulher se sinta segura e não seja ameaçada e submetida às ordens do companheiro. Disse ser incompreensível que o mesmo homem que promete juras de amor no início do relacionamento afetivo, venha a ser, mais tarde, o homem que a fará sofrer. Defendeu a maior participação das mulheres na política, considerando triste saber que é de 10% apenas o percentual de mulheres representantes na CMBH, mas acredita que esse quantitativo pequeno não irá impedir avanços em prol da mulher belo-horizontina. Disse acreditar que as mortes de mulheres por seus companheiros continuam acontecendo, porque parte dos homens se escoram na sensação de impunidade e justificativa de que agiu corretamente, pois a mulher estava usando roupa curta ou o traiu. Criticou o agressor por justificar sua violência na conduta da vítima. Defendeu um repensar na criação das crianças, já que a cultura machista incentiva esse tipo de violência contra mulher, que na tenra idade já se revela em perguntas simples feitas ao menino se ele está namorando. Avaliou que a violência contra a mulher ocorre a todo momento em situações simples do cotidiano, diminuindo sua condição feminina, questionando sua competência que, existente, não basta por si só para ela situar-se no mundo. Exemplo disso, é a mera declaração feita por alguns homens no trânsito de que a mulher deveria estar em casa ao invés de estar no volante. Para esse tipo de homem o mero fato de ser mulher já explicita sua incompetência. Alertou as mães para não incorrerem nos mesmos de educação de suas avós que instruírem suas filhas a serem procriadoras e enxergarem no homem a figura de provedor da casa. Cobrou das mães uma releitura dessa criação dos filhos, que possa ressignificar a condição do homem na sociedade e que a mulher possa sentir-se livre, amanhã, de fazer o que desejar em vida. Lembrou que a CRFB buscou reequilibrar a condição da mulher, concedendo-lhe direitos. Não era incomum no Brasil em data anterior a 1988, situação em que a mulher para comprar precisava passar ao comerciante o número do cadastro de pessoas físicas – CPF – e o contracheque do marido. Tinha-se, nessa ocasião, uma mulher invisível na sociedade. Lembrou que todas conquistas de direitos



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

das mulheres ocorrem em razão de luta do feminismo, com algumas delas saindo às ruas ou mesmo morrendo. A discussão de hoje busca implementar políticas públicas que protejam a vida da mulher e lhe conceda dignidade. O feminismo não concorda com a condição dada às mulheres, como de continuarem a morrer no parto, serem “encoxadas” no transporte público e viverem com a chance de serem mortas pelos homens. É preciso que nasçam com o direito de escolher seus destinos. Disse que trabalha em centro de acolhimento para as mulheres e até hoje já foram atendidas cerca de 240 mulheres que expuseram fatos de violência sofridos por seus companheiros, com relato de algumas que têm medo de retornar ao lar, pois já receberam armas miradas sob suas cabeças. Disse que os desabafos dessas mulheres mostra o quanto o poder público precisa interferir e agir com mais políticas públicas para as mulheres. Defendeu maior divulgação dos locais de apoio que às mulheres podem acessar para serem amparadas em seu sofrimento. Contou fato de mulher atendida por mais de 40 vezes no centro de acolhimento onde trabalha. Disse que não se pode condenar a conduta de uma mulher mais velha que se relaciona com um rapaz mais jovem e atribuir a ela, pela condição etária, a responsabilidade da violência que venha sofrer. Lembrou que a violência atinge a todo tipo de mulher, passando até mesmo com mulheres de pastores. Contou que certa vez num velório ouviu da viúva que graças a Deus ele tinha morrido e agora estaria livre. Ressaltou a importância do feminismo como forma de contrapor-se à cultura que banaliza a mulher, daquela que apanha em casa porque deixou queimar o arroz ou que ela precisa compreender o estado nervoso do marido, que teve problemas no trabalho. Disse que mudança dessa situação de violência ocorrerá com a promoção de debates nas escolas e discussão do tema nos lares e também com mulheres sendo eleitas para ocupar vagas nas câmaras, assembleias e no congresso nacional. Disse que o mundo atual exige um que homem e mulher se relacionam no mesmo plano e que aquilo que o homem não deseja para não pode ser praticado na mulher, sob a justificativa de que ela é mulher. O machismo é tão evidente que se o casamento se rompe, atribuem a culpa à mulher, dizendo que ela não soube prender seu homem.

11h20min - Palestra

Palestrante DANIELA SCHANEN, publicitária, certifica em Psicologia Positiva e formada em *Life/Self Coaching* e Programação Neurolinguística.



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Tema: “Eu disse não. Não era amor, era abuso”.

Síntese da palestra:

DANIELA SCHANEN lembrou que a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência doméstica, o que ocorre em todas as classes sociais. Contou que esteve por 20 anos em um relacionamento abusivo violento. Disse que o ciclo da violência doméstica é formado por 5 fases: tensão, explosão 1, explosão 2, reconquista e lua-de-mel. A palestrante falou a respeito dessas fases e contou como essas se deram em seu relacionamento. Alertou para os sintomas de uma relação abusiva, que apresenta um escalonamento da violência, começando com o ciúme e a depreciação da companheira, passando à agressão verbal e à agressão física, que pode chegar ao assassinato. Descreveu episódios de violência em seu relacionamento. Contou que seu ex-marido era ausente, não a apoiava profissionalmente e negligenciava as necessidades da família. Relatou que devido a uma agressão física sofrida entrou em trabalho de parto aos 5 meses de gestação e precisou se manter em repouso absoluto para evitar o nascimento prematuro do bebê. Contou que foi agredida pelo ex-marido diante das filhas. Disse que, apesar das agressões, tentou manter o casamento, pois tinha dificuldades de se afastar de uma pessoa com quem mantinha relação íntima de afeto. Destacou que geralmente a mulher tem vergonha de denunciar por sentir medo e culpa ou até mesmo por depender financeiramente do agressor. Ponderou que muitas vezes há falha do sistema de denúncia. Disse que as mulheres vítimas de violência podem levar até 10 anos pra denunciar o agressor. Salientou que, apesar de ser um caminho longo, burocrático e marcado por julgamentos e revitimização, a mulher deve denunciar. Lembrou que a vítima nunca é culpada pela agressão sofrida. Contou que, após denunciar o ex-marido, conseguiu que fosse determinada medida protetiva, que foi violada por ele 66 vezes. Contou também que o ex-marido deixou de pagar a pensão alimentícia para as filhas por 24 meses, o que o levou a ficar preso durante 50 dias. Afirmou que, apesar de ser um empresário bem sucedido, preferiu ficar preso a pagar a pensão. Relatou que foi diagnosticada com transtorno do estresse pós-traumático e que buscou ajuda profissional para tentar superar seus traumas. Falou a respeito do projeto que criou, chamado Eu Disse Não, para ajudar mulheres que estão tentando sair de um relacionamento abusivo.



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

12h6min – Palestra

Palestrante LARISSA BORGES, graduada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Tema: “Políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher”.

LARISSA BORGES reforçou que, neste dia de reconhecimento das lutas e de enfrentamento, é preciso que cada mulher reconheça sua força e sua importância, e que tenha a consciência de que ser feminista é lutar pela garantia de seus direitos. Ponderou que feminismo não é o oposto de machismo, e sim uma tentativa de que a sociedade se torne realmente humana e saudável para todas as mulheres. Defendeu que as políticas públicas devem oferecer instrumentos para o bem-viver das mulheres e considerar a diversidade de cada uma delas. Destacou que os direitos devem ser iguais, mas as medidas devem ser diferentes para atender a diferentes realidades. A palestrante argumentou que o capitalismo moderno organiza suas relações de poder por meio da violência contra a mulher. Disse que a manutenção desse sistema implica que a mulher seja submetida a trabalho mal remunerado e invisível. Alegou que a violência faz com que a mulher duvide de si mesma e defendeu a criação de redes alternativas de proteção, a fim de ajudar a mulher a recuperar essa confiança. Ressaltou que o padrão não pode ser a dor e a violência, e sim o usufruto pleno dos direitos. Lembrou que as mulheres podem sonhar mais e melhor e, principalmente, podem realizar seus sonhos. Estimou que todas as mulheres consigam reconhecer seu corpo, sua história e sua capacidade de ser feliz. Lembrou que ser mulher é sinônimo de resistência.

12h32min - Debate - Respostas aos questionamentos feitos pelo público

A vereadora BELLA GONÇALVES passou a conduzir os trabalhos. Respondendo aos questionamentos apresentados pela plateia, DANIELA SCHANEN ponderou que a relação com o pai abusador depende da experiência vivida pelos filhos e varia de acordo com cada realidade. Ressaltou a importância de desmitificar a culpa que a vítima por vezes sente, por meio da criação de redes de apoio e da oferta de acolhimento profissional. LARISSA BORGES defendeu que nenhuma pessoa é obrigada a conviver com seu abusador. Argumentou que é difícil fazer com que o afastamento se torne efetivo, pois muitas vezes as vítimas são crianças e adolescentes e acabam não sendo devidamente escutadas. Disse que a



CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

vítima, ainda que não queira acionar a justiça, deve procurar apoio para se afastar do abusador e da situação de abuso.

12h43min - Encerramento

A vereadora CIDA FALABELLA reassumiu a condução dos trabalhos para agradecer a todas e todos pela presença e declarou encerrado o seminário.